

ENTREVISTA E BIOGRAFIA: GÊNEROS DO DISCURSO HÍBRIDOS E HETEROGÊNEOS

Tiago Ramos e MATTOS¹

Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

O presente trabalho propõe um estudo sobre o gênero *entrevista* e o espaço biográfico. Desse modo, aborda a oralidade e a escrita, assim como a distinção entre os gêneros do discurso primário e secundário. Tendo em vista o estilo biográfico do gênero *entrevista* e a ocorrência de marcadores conversacionais típicos da fala nesse gênero, refletimos sobre sua classificação como um gênero do discurso primário ou secundário. A partir da análise de uma entrevista publicada na revista *Veja*, concluímos que a entrevista jornalística impressa é um gênero secundário, complexo, maquiado por um hibridismo conceitual, uma vez que possui um estilo biográfico, íntimo e casual.

Palavras-chave: Entrevista. Biografia. Estilo. Gêneros do discurso.

Introdução

Este artigo apresenta um estudo a respeito do gênero *entrevista*, mais especificamente, da entrevista midiático-jornalística. Neste estudo, traçamos um paralelo entre os gêneros *entrevista*, *biografia* e *autobiografia*, a partir de uma reflexão sobre como se delineia o estilo nos três gêneros. Incluímos, sobretudo, em nossas análises, os tipos de marcadores conversacionais encontrados em entrevistas, biografias e autobiografias. Valemo-nos, assim, dos pressupostos teóricos da Análise da Conversação, realizados a partir dos trabalhos de Urbano (1999) e Marcuschi (2007, 2010); bem como das reflexões propostas por Bakhtin (1992), no âmbito da filosofia da linguagem; dos estudos de Fairclough (1992), vinculados à análise crítica do discurso; e das considerações de Barros (1991), Hoffnagel (2010) e Freitag (2011).

A *entrevista* é um gênero do discurso bastante popular e familiar para todos nós. Uma observação rápida dos discursos que povoam o cenário constituído desse gênero (entrevistas de emprego, entrevistas médicas, entrevistas do projeto NURC – Norma Urbana Culta –, entrevistas coletivas *etc.*) certamente nos revelará a preponderância da modalidade oral da

¹ Endereço eletrônico: cambiaridea@yahoo.com.br

língua. É possível reconhecer, portanto, que a entrevista tem, em sua sustentação e em sua essência, a primazia da oralidade.

O objetivo central deste artigo está, pois, em verificar como o estilo desse gênero do discurso, predominantemente oral, se organiza na entrevista jornalística impressa. Dessa forma, investigamos e avaliamos o estilo do gênero *entrevista* a partir de um texto impresso veiculado na revista *Veja*, verificando as marcas conversacionais e o hibridismo estilístico entre os gêneros *entrevista* e *biografia/autobiografia*.

Para Bakhtin (1992), a tríplice constitutiva de todos os gêneros do discurso é formada pelo conteúdo temático, pelo estilo (recursos lexicais, gramaticais e fraseológicos da língua) e pela construção composicional. Fairclough (1992, p.163), por sua vez, categoriza os estilos como “escrito-para-ser-falado”, “escrito-como-se-falado” e “falado-como-se-escrito”.

Neste trabalho, enfocamos os traços estilísticos da entrevista ou, mais especificamente, os tipos de marcadores conversacionais encontrados nesses discursos. Para essa análise, utilizamos, especialmente, os pressupostos da Análise da Conversação, a reflexão de Fairclough (1992) sobre o estilo e as observações de Bakhtin (1992) uma vez que, para este autor, o estilo é proveniente também dos recursos lexicais.

Uma breve observação do estilo das entrevistas permite-nos formular a seguinte questão: tendo em vista o estilo biográfico e a presença de marcadores conversacionais típicos da conversação, poderíamos considerar a entrevista jornalística um gênero do discurso primário?

É curioso pensar que, segundo os moldes de Bakhtin, a entrevista jornalística impressa seja considerada como um gênero secundário, apesar das características que a aproximam da conversação. No entanto, é válido ressaltar que o gênero *entrevista* apresenta hibridizações e não uma dicotomia definitiva entre a fala e a escrita. De modo semelhante, podemos reconhecer que não há uma dicotomia definitiva entre os gêneros *entrevista* e *biografia*, já que eles podem se complementar e se hibridizar, a despeito da relativa estabilidade mantida por cada um.

Bakhtin (1992, p. 268) entende por gênero do discurso primário e gênero do discurso secundário a seguinte configuração em detalhes:

Em cada época da evolução da linguagem literária, o tom é dado por determinado gêneros do discurso, e não só os gêneros secundários (literários, publicísticos, científicos), mas também primários (determinados tipos de diálogo oral – de salão, íntimo, de círculo,

familiar-cotidiano, sociopolítico, filosófico, etc.). Toda a ampliação da linguagem literária à custa das diversas camadas extraliterárias da língua nacional está intimamente ligada à penetração da linguagem literária em todos os gêneros (literários, científicos, publicísticos, de conversação, etc.), em maior ou menor grau, também dos novos procedimentos de gênero de construção do todo discursivo, do seu acabamento, da inclusão do ouvinte ou parceiro, etc., o que acarreta uma reconstrução e uma renovação mais ou menos substancial dos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1992, p. 268)

A análise proposta neste artigo justifica-se pelo fato de que a entrevista jornalística, substancialmente complexa e permanente no dia a dia da contemporaneidade, está cada vez mais presente no “*fast-food* curioso das mídias especializadas” (ARFUCH, 2010, p. 155), no interesse sobre a vida de pessoas, de personalidades, histórias de vida de pessoas ilustres e pessoas comuns, que povoam os assuntos cotidianos, a “fofoca”, a política, o entretenimento, assim como as artes e a ciência em nossos dias, e que aceleram a produção do mercado editorial com o consumo de biografias e autobiografias – sempre na lista dos *best sellers* –, bem como as vendas de revista, jornais e periódicos.

Este artigo, por intermédio das categorias de análise: a) gênero do discurso primário e secundário, b) estilo e c) marcadores conversacionais, propõe a análise da entrevista da ativista paquistanesa Malala Yousafzai, “A educação é o caminho para acabar com o terrorismo”, divulgada pela revista *Veja* em 12 de outubro de 2012, às vésperas do lançamento da autobiografia de Malala.

O artigo divide-se, assim, em dois momentos: no primeiro, apresentamos alguns raciocínios teóricos sobre os gêneros do discurso primário e secundário, sobre o estilo do gênero *entrevista*, sobre a entrevista como espaço biográfico, sobre as relações entre a fala e a escrita e sobre os marcadores conversacionais. No segundo momento, expomos a análise da entrevista de Malala, respeitando a metodologia expressa pelas categorias de análise descritas acima.

Gêneros do discurso primário, secundário e estilo

Bakhtin, muito acertadamente, definiu os gêneros do discurso como constitutivamente heterogêneos. Daí advém a afirmação de que os gêneros do discurso são dotados de uma relativa estabilidade. Para ele, a língua efetua-se em modalidades orais e escritas de enunciados, que “[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só pelo seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, pela seleção dos

recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 1992 p. 261).

A fim de exemplificar a relativização da estabilidade enunciativa e a variação estilística nos gêneros, Bakhtin/Volochínov (2009[1929]) tomam uma expressão verbal relacionada a uma necessidade inerente a todo ser humano: a alimentação. Utilizando-se da palavra que expressa o oposto do ato de se alimentar, a fome, os autores discutem a totalidade dos vocábulos, seu direcionamento e sua inserção social. O direcionamento e a inserção social, determinados de maneira imediata pelos enunciadores, no ato de fala, explicitam, por exemplo, que a situação de fome exerce uma espécie de pressão social, à qual, evidentemente, está submetido o locutor. Essa situação irá proporcionar, portanto, uma força e uma forma à enunciação.

A esse respeito, Mattos (2015, p. 33) acrescenta e questiona:

Os participantes da situação que vão determinar, em um contexto como o da fome, o estilo ocasional da enunciação, ou seja, qual o contexto da fome, ela trata de uma solicitação ou exigência, afirmar os direitos, ou a oração pedindo a graça divina, é a timidez ou a segurança, trata-se de um estilo formal, um estilo mais rebuscado ou um estilo simples? (MATTOS, 2015, p. 33)

A partir da heterogeneidade constitutiva dos gêneros do discurso, Bakhtin (1992) reflete a respeito da complexidade e da diversidade dos discursos oral e escrito. Trata, assim, dos diálogos do cotidiano, que privilegiam o discurso em função do tema, da situação e da composição dos participantes, como é o caso dos relatos do dia a dia, da carta, do comando militar e do diversificado mundo das manifestações publicitárias. Além disso, o autor menciona uma lista de gêneros que levam em conta a marca tradicional e elaborada da escrita, na qual inclui as mais diferenciadas manifestações científicas, constituídas na esfera acadêmica, e todos os gêneros literários, do provérbio ao romance de muitos volumes.

Embora trate de elencar gêneros tipicamente orais e tipicamente escritos, Bakhtin (1992) não se esquece de registrar que, em algumas manifestações escritas, pode haver ou não um hibridismo. Bons exemplos do fenômeno da hibridização são os gêneros *carta*, *e-mail* e *bilhete*, nos quais verificamos a utilização de marcas de oralidade e de outros recursos típicos dos diálogos cotidianos, embora os discursos sejam materializados na forma escrita. A partir dessas considerações, Bakhtin (1992, p. 262) descreve a heterogeneidade dos gêneros

discursivos como “uma manifestação que pode parecer tão grande a ponto de não haver um plano único para seu estudo”.

Nesse sentido, a heterogeneidade constitutiva dos gêneros do discurso tem relação direta com o estilo de determinado gênero. Essa heterogeneidade também dialoga com o que alguns autores vão preferir chamar de interdiscursividade, isto é, com a relação na qual um discurso reafirma, reacentua, dialoga, redefine e mostra outros discursos. Entretanto, neste artigo, ater-nos-emos às concepções que vão diferenciar gêneros do discurso primário e secundário e às considerações de Fairclough (1992) sobre o estilo.

Para Fairclough (1992), os estilos variam de acordo com a modalidade da língua, ou seja, são falados ou escritos, ou ainda, uma combinação dos dois. A partir dessa observação, ele irá afirmar que os textos podem ser escritos para serem falados, escritos como se falados ou falados como se escritos, e que, “portanto, podemos classificar os estilos como falado, escrito, falado-como-se-escrito” (FAIRCLOUGH 1992, p. 163). Ao pensarmos que o estilo varia de acordo com os participantes de determinada interação, podemos classificar, como indica Fairclough (1992, p. 163), os estilos como: “formal”, “informal”, “oficial”, “íntimo” “casual” e assim por diante.

Partindo do exposto, tecemos, em seguida, algumas ponderações sobre o estilo do gênero *entrevista*.

A entrevista

O gênero *entrevista* pode ser considerado como um leque composto por gêneros e subgêneros transitivos e transitórios entre a língua falada e a língua escrita, haja vista a variedade de suas manifestações (entrevista jornalística, entrevista coletiva, entrevista médica, entrevista documental, entrevista de emprego *etc.*). Tal diversidade ocasionará, por certo, uma grande variação estilística. Contudo, duas características parecem comuns a todas as entrevistas: a presença de pelo menos dois interlocutores (um entrevistado e um entrevistador) e uma estrutura composicional, que estabelece turnos de perguntas e respostas.

A composição densamente ritualizada da entrevista prevê, além dos pares pergunta e resposta, entrevistado e entrevistador, uma dialogização enrijecida, moldada na forma de um jogo interativo assimétrico e bem delineado, com trocas de turnos padronizados, preestabelecidos por pautas e pré-pautas. O gênero, embora reconhecidamente oral, carece, portanto, da espontaneidade típica da conversação. Em suma, podemos considerar que a

entrevista, seja escrita ou oral, constitui um gênero fortemente padronizado e ritualizado. Na visão de Barros (1991, p. 254), por exemplo, as características principais da entrevista estão diluídas em quatro aspectos: “o número de actantes envolvidos em sua organização narrativa; o caráter assimétrico da interação; o planejamento conversacional e o tempo de elaboração”.

A espontaneidade, então, é característica intrínseca da conversação cotidiana, que pressupõe uma intimidade na relação temporal, no aqui e agora, no dialogismo entre locutor e interlocutor, entre “você e eu”. Na entrevista, essa relação intimista é posta de lado em função do ritual de pergunta e resposta. Esse ritual irá pressupor um diálogo assimétrico entre “entrevistador e entrevistado; entrevistado e público (leitor, ouvinte, telespectador, analista *etc.*); entrevistador e público” (BARROS, 1991, p. 255).

O público exerce, nessa perspectiva, um papel fundamental na produção e na recepção da entrevista, já que tanto entrevistador quanto entrevistado irão dirigir seus turnos a um determinado público-alvo, a um destinatário, que, de certa forma, vai se estabelecer como um outro interlocutor possível. Essa organização representa uma mudança enfática nos papéis interlocutórios da conversação espontânea, na qual, mesmo havendo três interlocutores, os três podem assumir um turno.

O público da entrevista, previsto pelo entrevistador e pelo entrevistado, é relativamente estático, mesmo quando está presente, ao vivo, como nos *talk shows*. No cumprimento do contrato que prevê pergunta e resposta, entrevistador e entrevistado se preocupam em responder, buscando a adesão de um público determinado. A relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado e a busca pela adesão do público constroem a cumplicidade no jogo comunicativo. Contudo, as entrevistas nem sempre apresentam um aspecto contratual. Eventualmente, encontramos exemplos que primam pela polemicidade, como afirma Hoffnagel (2010) ao explicitar haver três tipos de entrevistas em relação à informação e público-destinatário que delinea uma variedade de estilos relacionados ao suporte jornalístico das revistas. Segundo autora, as entrevistas podem ser classificadas em três tipos gerais:

As que entrevistam um especialista em algum assunto com a finalidade de explicar um fenômeno. O especialista, raramente, é conhecido pelo público em geral, e suas credenciais estão explicitadas na sessão introdutória da entrevista.

As que entrevistam uma autoridade, geralmente conhecida pelo público, para obter sua opinião sobre um evento em destaque nas notícias, podendo ela estar ou não diretamente envolvida neste evento.

As que entrevistam pessoas públicas (políticos, artistas, escritores, músicos etc.) e que têm a finalidade de promover o entrevistado (ou entidade/grupo que ele representa) ou de fazer com que o público conheça melhor a pessoa entrevistada. (HOFFNAGEL, 2010, p. 198-199)

Nesse aspecto, destacamos que a revista *Veja* e a revista *Isto é* dedicam, a cada edição, um número de páginas para as entrevistas que abrem as revistas, as quais variam entre os três tipos descritos acima.

Outro ponto a se observar é o de que o público-destinatário da entrevista, de acordo com Hoffnagel (2010), também pode ser diferenciado segundo o suporte. Nesse sentido, verificamos a existência de revistas de conteúdo adulto, de revistas destinadas ao público jovem, aos adolescentes, ao público feminino ou ao público masculino, assim como de publicações que atendem a públicos interessados em assuntos específicos como música, televisão, beleza, ciência, política, esporte *etc.*

Para a autora, embora vários recursos estilísticos possam aparecer alterados de revista para revista, o enfoque principal deve ser dado às figuras do entrevistador e do entrevistado. O primeiro estilo ressaltado por Hoffnagel (2010) é o da revista que coloca o próprio nome como o entrevistador. Por exemplo: *Isto é*, *Veja*, *Galileu*, *Contigo* *etc.* Esse estilo personaliza a revista. Logo, ficamos com a impressão de que é a revista, a instituição, que interage com o entrevistado, o que acaba por eximir o entrevistador/repórter de quaisquer responsabilidades. Um segundo estilo é dado pela nomeação de entrevistador e entrevistado. Por exemplo: Tarcísio Meira entrevista Glória Menezes sobre vantagens e desvantagens do casamento.

O terceiro e último estilo – e o que mais efetivamente nos interessa – é aquele marcado por uma abertura realizada pelo entrevistador, uma descrição geral do entrevistado, de caráter biográfico, na qual as razões para a motivação e o desenvolvimento da entrevista não são efetivamente explicitadas. É nesse caráter biográfico da entrevista que teremos uma hibridização de dois gêneros do discurso: a *entrevista* e a *biografia*. Nesse caso, recorreremos à afirmação bakhtiniana de que os gêneros do discurso são absolutamente heterogêneos, usufruindo de uma relativa estabilidade.

Dependendo da entrevista, além do caráter biográfico da abertura, que apresenta o entrevistado, verificamos um recurso à biografia na forma de perguntas do entrevistador sobre a vida do entrevistado ou de respostas do entrevistado em formato autobiográfico.

Passamos, agora, às considerações sobre a entrevista como espaço identitário e biográfico.

A entrevista como espaço biográfico

São diversos os gêneros do discurso que compõem o espaço biográfico, sejam eles: as memórias, os diários de viagem, os *talk shows*, os *realities shows*, os diários íntimos e a entrevista. A *entrevista* vai aparecer como um novo viés, que vai modificar os gêneros do discurso *biografia* e *autobiografia* canônicos, os quais, de alguma forma, caracterizavam um esboço das formas modernas da enunciação do tu e do eu.

Conforme as mídias foram evoluindo e as tecnologias permitindo a transmissão ao vivo, as biografias de foro íntimo, privado, foram ganhando espaço na mídia, sendo exploradas à exaustão em jornais e revistas. Nessa linha, “uma modalidade parece concentrar o biográfico de forma reconhecida nos diversos gêneros: a entrevista” (MATTOS, 2015, p. 92-93). A entrevista poderá transformar-se em autobiografia, biografia, confissão, testemunho, história de vida, memórias, dentre outros. A respeito do sucesso midiático do gênero *entrevista*, Mattos (2015, p. 94) observa:

A entrevista tem como chave do seu sucesso a imediatividade do sujeito donde mesmo ela (a entrevista) sendo realizada pela distância, tendo a palavra gráfica como sua intermediária, a emoção de uma réplica reproduzida no papel a partir da afetividade, a surpresa, a ira, um sorriso, o entusiasmo, justificam seu imenso sucesso. (MATTOS, 2015, p. 94)

A proximidade que pressupõe a interação e o diálogo face a face na entrevista (se ignorarmos pauta e pré-pauta) traz, em si, a possibilidade de um terceiro diálogo, estabelecido entre a entrevista e o público-destinatário. É interessante observar que as relações estabelecidas nesse diálogo podem materializar a figura do herói e da heroína no imaginário do público, constituindo uma dentre as várias possibilidades de heroificação na contemporaneidade. Na visão de Arfuch (2010, p. 155), a biografia e a entrevista se complementam. Nesse sentido,

[...] é precisamente tal ubiquidade, o fato de apresentar um leque inesgotável de identidades e posições de sujeito – e extensivamente, de vidas possíveis – e, mais ainda o fato de que essas vidas oferecidas à leitura no espaço público o sejam em função de seu sucesso, autoridade celebridade, virtude, o que torna a entrevista um terreno de constante afirmação do valor biográfico. Talvez dificilmente se expresse melhor do que nessa noção bakhtiniana a tendência – e a

paixão – que leva consumir até o excesso vidas alheias no *fast-food* da instantaneidade midiática. (ARFUCH, 2010, p. 155)

A imaginação, que é sustentada e sustenta o diálogo com outrem, funciona, na entrevista, como um vislumbre da interioridade, que, em breve, passa a não poder ser apreendida de outra forma. Ou seja, “quando alguém nos diz algo por meio da nossa imaginação, podemos pensar em um além do que a pessoa realmente quer nos dizer” (MATTOS, 2015, p. 95).

Bakhtin (1992), que definiu a heterogeneidade como constitutiva dos gêneros do discurso, também assumiu que os gêneros são passíveis de uma “relativa estabilidade”, observação que dialoga conclusivamente com o gênero *entrevista*, uma vez que esse gênero do discurso secundário apresenta, simultaneamente, marcas da conversação e elementos de outros gêneros secundários, tais como a peça teatral, o romance, o conto, a crônica e a autobiografia. Arfuch (2010, p. 160-161), ao discutir sobre a perspectiva bakhtiniana, afirma que a entrevista é “um gênero secundário, complexo, mas cuja dinâmica intersubjetiva, em diversos contextos, opera com certa semelhança em relação às formas cotidianas do diálogo, aos intercâmbios familiares, à conversa, ou seja, aos gêneros primários”.

Em relação à composição da personagem e à formulação das perguntas e respostas na entrevista, Mattos (2015, p. 97) acrescenta:

Não se fazem a esmo as perguntas sobre a vida. Na entrevista, opera-se um desdobramento de seus inúmeros registros por intermédio de uma seleção hierarquizada daquele a quem se entrevista; as posições de autoridade, a função política, institucional, a vocação, aqueles que são de alguma forma figuras heroicas, seus arquétipos, a profissão etc. Trata-se de outorgar a essas figuras uma posição de legitimidade. Portanto, as perguntas são previamente pensadas a serem feitas a sujeitos que as mereçam por ter conquistado uma posição de destaque, seja por virtude, por merecimento profissional, seja por destaque na mídia, o que faz com que essas histórias se tornem imediata e irremediavelmente modelos, histórias modelizadoras. (MATTOS, 2015, p. 97)

As narrativas da entrevista e seus personagens são vivazes, fazendo uso de um enredo que é a própria vida. A entrevista é, assim, um gênero que engendra a curiosidade, o “voyerismo” pelas vidas de artistas, cientistas, escritores, intelectuais, celebridades das mais diferentes áreas de atuação, ou seja, é uma “invasão entre o que é público e o que é privado, entre aquilo que se pode dizer e a intrusão” (MATTOS, 2015, p. 97). Ela pode acrescentar,

complementar, modificar e, até mesmo, se adequar a gêneros biográficos canônicos como os diários íntimos, as memórias, a biografia e a autobiografia; assim como uma autobiografia pode ser pré-pauta para uma entrevista, por exemplo.

Relações entre fala e escrita

A escrita não é uma modalidade privilegiada em detrimento da fala. Não há uma hegemonia da escrita em relação à fala, assim como não há uma supremacia da fala sobre a escrita. Contudo, segundo Marcuschi (2010, p. 36), “do ponto de vista do prestígio social, a escrita é vista como uma forma mais prestigiosa que a fala”. Nesse aspecto, a escrita tem forte participação nas civilizações “letradas”. Entretanto, é importante reconhecer que a oralidade será sempre, ao lado da escrita, meio de expressão e comunicação da raça humana. Afinal, conforme afirma Marcuschi (2010, p. 36), “a oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia”.

No uso cotidiano da língua, constatamos que, na realidade, a oralidade e a escrita não são domínios fechados neles mesmos, duais e dicotômicos. Existem práticas discursivas e sociais que optam ora pela oralidade, ora pela escrita, ora por ambas, trabalhando concomitantemente. Bom exemplo desse último caso pode ser encontrado no exercício do direito, isto é, na atuação de advogados, promotores e juízes em audiência.

A avaliação e as diferenças e semelhanças entre a forma oral e a forma escrita foram densamente discutidas e, de certa forma, até preconceituosamente submetidas a avaliações equivocadas nas quais a escrita/grafia foi considerada estruturalmente bem construída, elaborada, abstrata, complexa e formal, contrapondo-se à fala/oralidade, tida como contextual, concreta e estruturalmente simples.

Segundo Barros (2011, p. 210), os efeitos de oralidade que se aproximam de uma “fala ideal” vão levar em conta os atores da interação, ou seja, os interlocutores, o tempo e o espaço. Da interação entre esses elementos resultam efeitos de sentido, tais como “a proximidade, a descontração, informalidade, falta de acabamento, de completude, caráter passageiro, simetria, reciprocidade etc”.

Ao considerarmos a relação entre a fala e a escrita, temos, frequentemente, a falsa sensação de que a escrita é um fenômeno puro e homogêneo, efetivamente estável, advindo de uma clareza incomparável. A fala, por outro lado, resultaria da aquiescência, da

espontaneidade. Nesse ponto, vale citarmos Marcuschi (2010), que exemplifica essa dicotomia parcial entre a fala e a escrita:

Ponha-se um grupo de indivíduos letrados a escrever um texto sobre o mesmo tema, por exemplo, “a inflação na vida do brasileiro”, e então observem-se seus textos. É provável que suas opiniões sejam objeto de discussão, mas que violem normas muito específicas. No entanto, se pedirmos aos mesmos indivíduos que “falem” seus textos, ou os produzam oralmente, teremos diferenças e até avaliações que não se deverão ao conteúdo e sim a uma particular forma de “falar” o conteúdo. (MARCUSCHI, 2010, p. 36)

O autor, no entanto, defende:

As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos. Em consequência, tem a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear. (MARCUSCHI, 2010, p. 37)

Em outras palavras, a oralidade e a escrita, constituintes de uma determinada esfera de atividade humana, irão compor um gênero do discurso, que vai gozar de uma relativa estabilidade. Podemos atestar isso a partir de um exemplo claro sobre o funcionamento da oralidade e da escrita, elaborado por Marcuschi (2010, p. 40):

Quadro 5. Distribuição de quatro gêneros textuais de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva

Gênero textual	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversa espontânea	X		X		a
Artigo científico		X		X	d
Notícia de TV	X			X	c
Entrevista publicada na <i>Veja</i>		X	X		b

A respeito do quadro apresentado, o autor explica que “os domínios ‘a’ e ‘d’ são prototípicos, ao passo que os domínios ‘b’ e ‘c’ são mistos e neles a produção e o meio são modalidades diversas”. E acrescenta: “nem por isso vamos deixar de identificar os dois últimos gêneros” (MARCUSCHI, 2010, p. 40).

Posto isso, salientamos que o texto de efetivo interesse neste trabalho é a entrevista “A educação é o caminho para acabar com o terrorismo”, publicada na revista *Veja*, em 12 de outubro de 2013, isto é, uma entrevista jornalística impressa, à qual consideramos, segundo os

moldes bakhtinianos, um exemplar de um gênero do discurso secundário. Todavia, conforme mencionamos acima, haverá, na entrevista impressa, uma miscigenação implícita entre oralidade e escrita, entre os gêneros do discurso secundário e primário.

A fim de compreendermos melhor como a oralidade se manifesta na entrevista jornalística impressa, seguem algumas considerações a respeito de um dos seus recursos típicos: os marcadores conversacionais.

Marcadores conversacionais

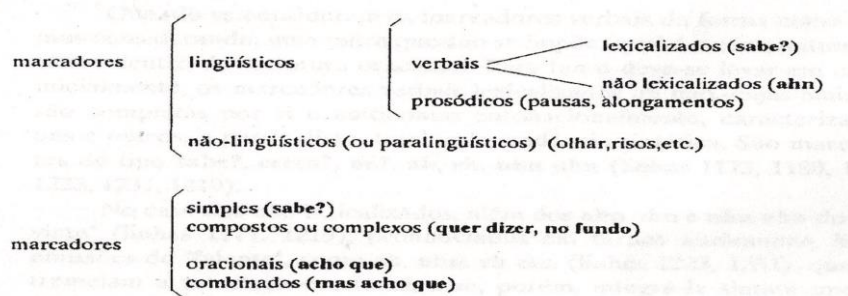
Os marcadores conversacionais são elementos oriundos da fala, que atuam no texto – especialmente naqueles advindos do cenário conversacional – como construtos coesivos, auxiliando na produção da coerência do texto falado. Funcionam também como articuladores, marcando a produção oral dos interlocutores e revelando as condições de produção do texto. Fazem parte, portanto, da tessitura que reveste o texto, que o amarra e que revela sua estrutura de interação.

Dentre esses elementos conversacionais, que marcam a interação e muitas vezes o papel dos interlocutores, podemos citar o “*ai*”, o “*então*”, o “*né?*”, o “*é que*”, o “*e você*”, o “*sabe?*”, o “*ahn ahn*”, o “*não é*”, o “*ah*”, o “*assim ahn*”, o “*eu tenho a impressão de que*”, o “*eheh*”, o “*eu acho que*”, o “*quer dizer*”, o “*no fundo*”, o “*mas eu acho que*”, o “*onde*”, o “*certo?*”, dentre outros.

Os marcadores são detentores de um aspecto formal que nos permite classificá-los em linguísticos e não linguísticos. Os linguísticos podem ser prosódicos ou verbais. Os marcadores verbais podem ser lexicalizados, como “*sabe?*”, “*então*”, “*acho que*”; ou não lexicalizados, como “*eheh*”, “*ah*” e “*ahnahn*”. Os marcadores prosódicos, por sua vez, são as pausas, os alongamentos, a mudança de altura e de ritmo. Quanto aos marcadores prosódicos não linguísticos, podemos destacar o gesto, o olhar, o aceno com a cabeça, o sorriso, o aceno com a mão *etc.*

No que diz respeito à composição dos marcadores, devemos ainda destacar os marcadores verbais que se apresentam como elemento simples (*certo?*); os compostos, que apresentam certa complexidade (*no fundo, quer dizer*); e os que aparecem na forma oracional (*mas eu acho que*).

Para tornar mais clara a exposição, vejamos o quadro proposto por Urbano (1999, p. 87):



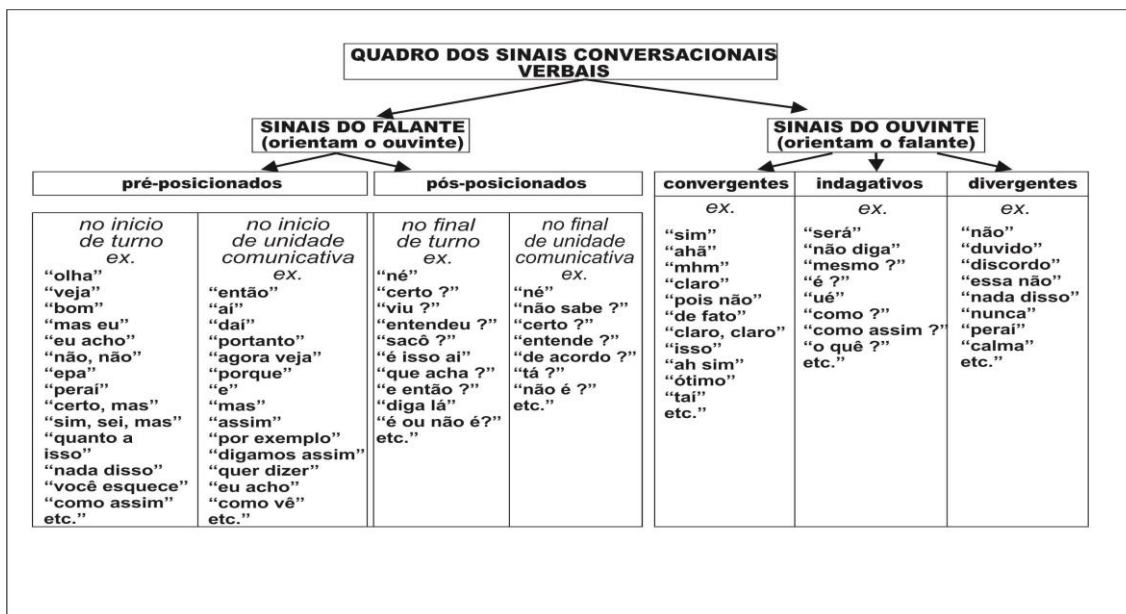
Um estudo relevante sobre o *acho que* foi realizado por Freitag (2011). Nesse trabalho, a autora considera haver no *acho que* uma construção sintática com uma nova função. Trata-se, para ela, de um marcador de opinião, que introduz semanticamente um comentário como “minha opinião é essa”. Além disso, Freitag (2011, p. 4) considera o *acho que* como um marcador de evidencialidade pautada no verbo na 1ª pessoa do singular, podendo funcionar também como modalizador. Acrescenta a pesquisadora:

Conforme descrevem Casseb-Galvão (1999) e Freitag (2003), esta construção passa a atuar: i) como um marcador evidencial, porque atribui a origem da informação a uma fonte primária, tendo em vista a flexão de primeira pessoa do singular; e ii) também a função de marcador de opinião (cf. FREITAG, 2003), preparando o interlocutor para o que será dito posteriormente. Porém, em outros contextos, a construção, além de carregar a marca de evidencialidade (origem da informação: fonte primária), pode funcionar como marcador de dúvida (cf. FREITAG, 2003), em contextos em que o falante não tem certeza ou não quer se comprometer com o que vai dizer, codificando a baixa adesão/não adesão do falante ao conteúdo proposicional. (FREITAG, 2011, p. 4)

A mesma autora ainda complementa:

A construção *acho que* – e também outras construções oracionais de 1ª pessoa do singular como “eu acredito”, “eu creio”, “eu penso”, por exemplo – assume a função de sinalizar a adesão do falante em relação ao conteúdo proposicional, dada sua fonte ser um verbo de traço cognitivo e na 1ª pessoa do singular. Entretanto, como visto, a depender da situação, a construção revela maior ou menor grau de adesão do falante em relação ao conteúdo proposicional, além de expressar a fonte da origem da informação: marcador de evidencialidade/opinião [maior adesão] e marcador de evidencialidade dúvida [menor adesão]. (FREITAG, 2011, p. 5)

Observemos abaixo, no quadro proposto por Marcuschi (2007, p. 68) sobre os marcadores conversacionais, a ocorrência do “*eu acho*”:



Análise do corpus

Faz-se necessária, para a compreensão global de nossa análise, a observação de que o *corpus* a ser analisado (entrevista de Malala, publicada na revista *Veja*, em 2013) pode ser caracterizado como um gênero do discurso secundário, se levarmos em conta o suporte, a revista, isto é, a divulgação do discurso na forma impressa. Contribui ainda para essa classificação o fato de a entrevista constituir uma tradução do inglês para o português.

Trata-se, contudo, de uma entrevista realizada e cedida oralmente, por telefone, e que, curiosamente, irá preservar alguns marcadores conversacionais. Essa configuração nos faz pensar a entrevista não como um gênero secundário genuíno, canônico, mas como um gênero secundário híbrido. Nesse caso, a entrevista pode ser considerada uma forma de renovação do gênero do discurso, conforme previsto por Bakhtin (1992), uma vez que se constitui a partir da hibridização entre um gênero canônico do discurso secundário (a biografia) e um gênero jornalístico-publicístico (a entrevista), primordialmente oral: as informações são tomadas pela jornalista por meio da oralidade.

Todavia, o inverso também ocorre. A penetração das marcas de oralidade no discurso escrito pode ser identificada a partir da observação dos marcadores conversacionais, típicos dos textos orais. A entrevista em questão comprova, pois, o que afirmamos anteriormente: a fala e a escrita não são práticas sociais dicotômicas.

Primeiramente, abordamos a penetração do gênero literário, especificamente, da biografia e da autobiografia, na entrevista. No excerto (I), que é a abertura da entrevista de Malala, verificamos:

Aos 16 anos, a paquistanesa Malala Yousafzai tornou-se a maior voz mundial em defesa da educação feminina. Nos meses em que o Talibã dominou a região em que vivia no Paquistão, entre 2007 e 2009, as escolas para meninas receberam ordem de fechar as portas. As que não obedeceram foram dinamitadas. Por contar das suas privações em um blog e falar contra a opressão sofrida pelas mulheres em seu país, ela se tornou alvo do grupo extremista. Em outubro do ano passado (2012), um membro do Talibã disparou contra Malala no ônibus em que a menina voltava da escola. Ela foi submetida a uma cirurgia na cabeça e agora vive em Birmingham, na Inglaterra, com a família. Símbolo da resistência contra o radicalismo ignorante, Malala acaba de lançar um livro em que conta a sua história, *Eu Sou Malala*, a ser publicado no Brasil neste mês (outubro, 2013) pela Companhia das Letras. Dos Estados Unidos, onde se reuniu com o presidente Barack Obama na Casa Branca, nesta sexta-feira, Malala falou à *VEJA* por telefone. Na conversa, dá aula ao Talibã, que, segundo ela, teme o poder que teriam as mulheres se estudassem e se desenvolvessem. “O Talibã criou um sistema próprio de leis, que não tem nada a ver com o Islã. O Islã nos diz que a educação e o conhecimento são direitos de todas as pessoas. Então, eu acho que o Talibã não leu o *Corão* da forma apropriada. Eles precisam sentar e ler o texto novamente, com calma” (grifo nosso).

Identificamos, na abertura da revista *Veja*, a presença dos gêneros do discurso *biografia* e *autobiografia*. A biografia é produzida pela voz da jornalista, que conta de forma breve a história da Malala. A autobiografia, por sua vez, é construída, na abertura, pelo discurso de Malala, representado entre aspas. No geral, o estilo das entrevistas da revista *Veja* é biográfico. Nesse caso específico – a entrevista de Malala, que constitui nosso objeto de análise –, vemos uma entrevista com abertura realizada pelo entrevistador. Essa abertura apresenta uma descrição geral do entrevistado, com um caráter geral biográfico. Trata-se, portanto, de uma entrevista que obedece à classificação de Hoffnagel (2010), podendo ser enquadrada entre: “as que entrevistam pessoas públicas (políticos, artistas, escritores, músicos etc.) e que têm a finalidade de promover o entrevistado (ou entidade/grupo que ele representa) ou de fazer com que o público conheça melhor a pessoa entrevistada” (HOFFNAGEL, 2010, p. 198-199).

Entretanto, entendemos que a penetração efetiva dos gêneros literários *biografia* e *autobiografia* atua como um reforço na expansão do gênero secundário *entrevista*. Ao

considerarmos, por exemplo, as entrevistas médicas e de emprego, poderemos reafirmar que as entrevistas em geral trabalham com a predominância da oralidade. A hibridização dos gêneros do discurso canônicos *biografia* e *autobiografia*, a materialização escrita e o texto dramático teatral fariam da entrevista jornalística impressa um gênero do discurso mais secundário ainda. Na entrevista de Malala, a conversação não é espontânea: possivelmente, a conversa tenha sido norteada por uma pré-pauta. Contudo, há perguntas e respostas, interação entrevistador-entrevistado. As perguntas e respostas, por sinal, giram em torno da vida de Malala, conteúdo temático do gênero *biografia*.

Passamos, então, a analisar a penetração literária em camadas extraliterárias (como prevê Bakhtin), representada pelas perguntas biográficas e pelas respostas autobiográficas no gênero entrevista jornalística impressa:

Hoje você vive na Inglaterra. É melhor ser menina na Inglaterra ou no Paquistão?

Na Inglaterra, as mulheres têm a oportunidade de descobrir quais são seus talentos. Toda mulher pode decidir o que quer fazer da vida e pode efetivamente realizar seus sonhos. No Paquistão, somos limitadas. Não temos a chance de identificar nossos talentos nem descobrir nossas habilidades. Só podemos ter filhos e cuidar de nossa família. É cozinhar o dia todo, limpar banheiros. Esse é nosso trabalho a vida inteira. A mulher não tem a chance de se conhecer. No meu país, quando eu saía da escola, eu não podia nem conversar com meus amigos na saída. O difícil é que isso envolve também regras culturais, que são difíceis de mudar de uma hora para outra, mas não impossíveis. Foram os homens que criaram as culturas e as tradições, então podemos fazer algo a respeito.

Você tem apenas 16 anos. As garotas da sua idade têm outras preocupações, como garotos. Você já se apaixonou?

Não, eu nunca tive tempo para pensar nisso. Tenho uma agenda tão agitada que acho que nunca tive a chance de pensar em garotos (risos).

Segundo Bakhtin (1992), à medida que a linguagem literária se expande, ela alcança todos os gêneros, inclusive aqueles oriundos da conversação. Foi isso o que aconteceu com a entrevista, um misto de dois gêneros, um literário e um conversacional. Nesse aspecto, conforme já mencionamos, a penetração dos gêneros do discurso genuinamente secundários naqueles originariamente primários (especificamente, no caso da entrevista) corrobora a nossa tese de que a entrevista é um gênero absolutamente híbrido. Esse hibridismo vai aparecer por meio dos marcadores conversacionais, que se mantêm no formato escrito da entrevista, em

função da origem do discurso – conversa da jornalista com Malala cedida por telefone –, mas também, pela descrição bakhtiniana do que vem a ser gênero do discurso primário:

Em cada época da evolução da linguagem literária, o tom é dado por determinado gêneros do discurso, e não só os gêneros secundários (literários, publicísticos, científicos), mas também primários (determinados tipos de diálogo oral – de salão, íntimo, de círculo, familiar-cotidiano, sociopolítico, filosófico, etc.) (BAKHTIN, 1992, p. 268, grifos nossos).

Em seguida, destacamos algumas das características típicas dos gêneros primários na entrevista jornalística impressa.

A entrevista de Malala foi cedida oralmente, por telefone (conforme divulgado pela própria revista):

(a) Dos Estados Unidos, onde se reuniu com o presidente Barack Obama na Casa Branca, nesta sexta-feira, Malala falou a VEJA por telefone.

Trata-se de uma entrevista de foro íntimo:

(b) Você tem apenas 16 anos. As garotas da sua idade têm outras preocupações, como garotos. Você já se apaixonou?
Não, eu nunca tive tempo para pensar nisso. Tenho uma agenda tão agitada que acho que nunca tive a chance de pensar em garotos (risos).

Seu estilo é, portanto, familiar-cotidiano:

(c) Além de estudar, as mulheres no Paquistão não deveriam ser livres para andar na rua sozinhas sem precisar da companhia de um homem?

Sempre me pergunto: se um homem pode andar sozinho na rua, por que uma mulher não pode fazer o mesmo? Eu quero que as mulheres tenham as mesmas oportunidades.

Na Inglaterra, eu posso ir à rua sem ter um homem comigo, até a minha mãe pode ir sozinha. No Paquistão, as pessoas dizem coisas ruins para mulheres que andam sozinhas. Precisamos de uma transformação. Nossa batalha está só começando.

E seu conteúdo é acentuadamente sociopolítico:

(d) Por que o Talibã tem medo de você?

O Talibã tem medo porque sabe que, se as mulheres tiverem acesso à educação, serão capazes de exercer um papel ainda maior do que o que elas já têm na sociedade. Isso assusta o Talibã. É uma visão muito ruim, porque o mundo precisa de igualdade. Se as mulheres, que são metade da população mundial, não tiverem acesso à educação, o mundo não se desenvolverá.

A presença dos marcadores conversacionais, particularmente na fala de Malala, remete nosso olhar ao texto genuinamente oral, mantendo a sensação de espontaneidade da conversação cotidiana. Apesar de pouco abundantes, os marcadores conversacionais do texto são variados: há a incidência de marcadores lexicalizados, linguísticos, verbais e não-linguísticos, simples, combinados e oracionais.

Selecionamos, a partir dessas observações, algumas ocorrências do marcador conversacional oracional “acho que” para a finalização de nossa análise:

Então, eu acho que o Talibã não leu o Corão da forma apropriada. Eles precisam sentar e ler o texto novamente, com calma. O profeta Maomé nos ensina sobre igualdade, sobre fraternidade, sobre o amor ao próximo. O Talibã se esquece de tudo isso e só se lembra da jihad (guerra santa). Nós, meninas, temos nossa própria jihad pela qual lutar. Temos que lutar pelos nossos direitos e pela educação.

Conforme verificamos no exemplo acima, o marcador *acho que* aparece combinado com o marcador lexicalizado simples *então*, na formação da expressão “então, eu acho que”. Nesse caso, o *acho que* funciona como um marcador evidencial, uma vez que atribui a origem da informação a uma fonte primária, tendo em vista a flexão de primeira pessoa do singular (FREITAG, 2011). Além disso, podemos considerar uma função de marcador de opinião (FREITAG, 2003), que prepara o interlocutor para o que será dito posteriormente. Trata-se, pois, de um marcador de evidencialidade/opinião, que reforça a adesão da falante (Malala) ao assunto em questão.

Já se passou mais de um ano desde o ataque que você sofreu. Você tem pesadelos com o Talibã?

Não, eu me sinto muito bem. Também não me vejo como a menina que foi atacada pelo Talibã. Eu me sinto normal. Acho que é da natureza humana. Deus é muito bondoso conosco quando se trata de esquecer as coisas ruins. Devemos agradecer a Deus por isso todos os dias.

Sua luta teria sido possível sem o apoio incondicional de seu pai (*o pai de Malala fundou a escola em que a filha estudava no Paquistão, a KhushalSchoolandCollege*)?

Aprendi muito com o meu pai. Acho que eu poderia defender essa causa mesmo sem ele, mas não tão jovem. Talvez com 20, 30 anos. Mas o meu pai foi um exemplo para mim e eu fui educada. Eu aprendi pouco, mas pelo menos aprendi. Sou muito grata a ele por isso.

Nesse exemplo, vemos que os marcadores conversacionais *acho que* possuem uma independência sintática em relação ao restante da oração, funcionando isoladamente. Assim, se suprimíssemos os marcadores *acho que*, em ambos os casos, as orações não perderiam seus efeitos de sentido e/ou tornar-se-iam agramaticais.

Segundo Freitag (2011), o *acho que* constitui uma construção oracional em 1ª pessoa do singular, que funciona como exemplo de gramaticalização, além de ser uma pronominalização característica do gênero do discurso *autobiografia*.

Outros exemplos – excerto (IV):

(IV. a) Eu me sinto normal. (Acho que) É da natureza humana.

Nessa ocorrência, a expressão *acho que* marca a opinião da Malala. Percebemos, no entanto, que a mesma expressão materializa uma incerteza na construção do enunciado. Há, pois, uma dúvida e uma menor adesão de Malala em relação à preposição do enunciado.

(IV. b) Aprendi muito com meu pai. (Acho que) Eu poderia defender essa causa mesmo sem ele, mas não tão jovem.

Nesse caso, a evidencialidade funcionaria como modalização, sendo perfeitamente possível substituir o *acho que* por *para mim*, por exemplo; embora esses elementos sejam de naturezas gramaticais distintas. Da mesma forma, poderíamos substituir o *acho que* por outras expressões com função modalizadora, tais como *creio que* e *vejo que*.

Outra ocorrência interessante na entrevista analisada é a presença do marcador conversacional paralinguístico (risos) – Excerto V:

Você já se apaixonou?

Não, eu nunca tive tempo para pensar nisso. Tenho uma agenda tão agitada que acho que nunca tive a chance de pensar em garotos (risos).

No teatro, os *risos* entre parênteses são conhecidos por texto secundário, didascálio ou rubrica. É um texto que se destina ao leitor da peça e aos atores, uma marca paralingüística, que direciona o ator que vai encenar a peça. Sua ocorrência no excerto V revela, portanto, a penetração de uma marca paralingüística de um gênero do discurso secundário, da esfera literária, o gênero dramático-teatral, na composição do gênero *entrevista*, primordialmente oral.

A entrevista em análise, como estamos defendendo, possui um estilo biográfico, com abertura biográfica. Por biografia, entendemos a apreciação da vida em toda a sua dinamicidade. Nesse caso, a presença dos marcadores conversacionais garante ao gênero do discurso literário canônico um traço de informalidade.

Ao pensarmos nas considerações de Fairclough (1992) sobre estilo, podemos classificar o estilo dessa entrevista como a combinação de duas modalidades: estilo do discurso falado e estilo do discurso escrito. Logo, entendemos que tal estilo se aproxima do que Fairclough (1992) denomina “estilo escrito-come-se-falado”. É também válido lembrar o quadro elaborado por Marcuschi (2010), a partir do qual podemos reconhecer que a entrevista da revista *Veja* tem como meio de produção a grafia e como concepção discursiva a modalidade oral. Concluimos, assim, que o estilo da entrevista de Malala é formal e biográfico, embora, de certa forma, casual e íntimo.

Portanto, nossa análise conduz para que a afirmação de que a entrevista jornalística é um gênero do discurso absolutamente heterogêneo. Povoado pelo biográfico, ora na pergunta, ora na resposta, seu discurso é evidentemente dialógico, materializado pelo discurso jornalístico; é fala e é literatura, gênero do discurso secundário, que não abre mão de sua natureza oral. É modalidade do íntimo, do sociopolítico e do familiar-cotidiano, donde a espontaneidade do gênero do discurso primário complexifica o gênero do discurso secundário. É um gênero do discurso secundário travestido de gênero do discurso primário. Há um hibridismo genérico-discursivo que pode transparecer (dependendo da intencionalidade): ora fala, ora escrita, ora formal, ora casual, ora íntimo. A entrevista é escrita como se fosse falada no intuito de aproximar o leitor. Faz uso do didascálio (*risos*) e dos marcadores conversacionais (*então, acho que*) ou de evidencialidade, para manter essa sensação de proximidade, descontração, maior ou menor adesão e informalidade com o leitor. É gênero de estilo biográfico, íntimo, casual, escrito como se falado, contudo, formal por ser escrito. É híbrido. É dual e ambíguo (no bom sentido).

Considerações finais

Levando-se em consideração o estilo e a presença de marcadores conversacionais, poderíamos considerar a entrevista jornalística como um gênero do discurso primário ou secundário?

Para responder a essa questão, levamos em consideração os marcadores conversacionais da entrevista cedida por Malala Yousafzai à revista *Veja*, em outubro de 2013, e a concepção bakhtiniana de gêneros do discurso primários e secundários, além de algumas reflexões sobre a fala e a escrita. Concluímos que o gênero *entrevista* é um gênero do discurso secundário, que goza de um hibridismo parcial. Em outras palavras, trata-se de um gênero do discurso secundário que sofre uma forte influência do gênero do discurso primário.

O estilo do gênero do discurso *entrevista*, na maior parte das vezes, se comporta de forma dual. Ora é formal, ora informal, ora falado, ora escrito, ora biográfico, ora autobiográfico. Em relação à entrevista em análise, podemos afirmar tratar-se de uma entrevista híbrida, com estilo biográfico, formal, parcialmente escrito como se falado e, em alguns momentos, casual e íntimo.

Este estudo representa, sem dúvida, um passo inicial na análise do estilo da entrevista jornalística; uma análise que, embora permita refletir sobre alguns aspectos estilísticos do gênero e sua aproximação com gêneros orais e/ou escritos, pode e deve ser ampliada. Para uma avaliação mais precisa, um estudo comparativo entre duas ou mais entrevistas se faz necessário.

De qualquer modo, é válido sublinhar que a entrevista é um gênero do discurso de substancial sucesso, e que esse sucesso é garantido, sobretudo, pelos elementos que sugerem a sua imediaticidade e pelas palavras que intermedeiam “a emoção de uma réplica reproduzida no papel a partir da afetividade, a surpresa, a ira, um sorriso, o entusiasmo” (MATTOS, 2015, p. 94). Assim, a formalidade da escrita travestida ou investida da espontaneidade da fala, que garante a identificação quase que imediata, garante também a imensa aprovação e popularidade da entrevista em nossos dias.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Entrevista: texto e conversação*. Disponível em: <http://www.geo.org.br/arquivo/anais/1306936326_39.barros_diana.pdf>. Acesso em 3 abr.2016.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Efeitos de oralidade em gêneros discursivos diferentes. In PRETI, Dino (org.). *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 1992.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Da gramática ao discurso: procedimentos metodológicos para o estudo de marcadores discursivos*. Disponível em: <<file:///C:/Users/ra00025644/Downloads/Anais%20Aled%202011%20%20Da%20gram%C3%A1tica%20ao%20discurso.pdf>>. Acesso em 6 dez.2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O papel de frequência de uso na gramaticalização de acho (que) e parece (que) marcadores de dúvida na fala de Florianópolis. *Veredas*, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p. 113-132, jul./dez. 2003.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

MATTOS, Tiago Ramos e. *Biografia e autobiografia: um estudo do estilo em ambos os gêneros do discurso*. Verlag: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

URBANO, Hudinilson. *Marcadores conversacionais*. São Paulo: Humanitas, 1999.

INTERVIEW AND BIOGRAPHY: HYBRIDISM AND HETEROGENEITY

ABSTRACT

The current paper aims to put into perspective a study about the interview as a speech genre and the biographic space. It approaches orality and writing making a distinction between primary and secondary speech genres. Is journalistic interview a primary or a secondary speech genre, considering its style and its discourse markers? We have concluded (considering the example we have taken, Veja magazine) that journalistic interview is itself a secondary speech genre however complex, made-up by a conceptual hybridity. It holds a biographical style, close and casual.

Key words: Interview. Biography. Style. Speech Genres.

Envio: Outubro/2016
Aceito para publicação: Dezembro/2016

ANEXO

Corpus

‘A educação é o caminho para acabar com o terrorismo’, diz Malala

Por: Tatiana Gianini 12/10/2013 às 20:03 - Atualizado em 12/10/2013 às 20:36

Aos 16 anos, a paquistanesa Malala Yousafzai tornou-se a maior voz mundial em defesa da educação feminina. Nos meses em que o Talibã dominou a região em que vivia no Paquistão, entre 2007 e 2009, as escolas para meninas receberam ordem de fechar as portas. As que não obedeceram foram dinamitadas. Por contar das suas privações em um blog e falar contra a opressão sofrida pelas mulheres em seu país, ela se tornou alvo do grupo extremista. Em outubro do ano passado (2012), um membro do Talibã disparou contra Malala no ônibus em que a menina voltava da escola. Ela foi submetida a uma cirurgia na cabeça e agora vive em Birmingham, na Inglaterra, com a família.

Símbolo da resistência contra o radicalismo ignorante, Malala acaba de lançar um livro em que conta a sua história, *Eu Sou Malala*, a ser publicado no Brasil neste mês (outubro, 2013) pela Companhia das Letras. Dos Estados Unidos, onde se reuniu com o presidente Barack Obama na Casa Branca, nesta sexta-feira, Malala falou à *VEJA* por telefone. Na conversa, dá aula ao Talibã, que, segundo ela, teme o poder que teriam as mulheres se estudassem e se desenvolvessem. "O Talibã criou um sistema próprio de leis, que não tem nada a ver com o Islã. O Islã nos diz que a educação e o conhecimento são direitos de todas as pessoas. Então, eu acho que o Talibã não leu o *Corão* da forma apropriada. Eles precisam sentar e ler o texto novamente, com calma."

Confira abaixo a entrevista de Malala Yousafzai:

Por que o Talibã tem medo de você?

O Talibã tem medo porque sabe que, se as mulheres tiverem acesso à educação, serão capazes de exercer um papel ainda maior do que o que elas já têm na sociedade. Em geral, são as mulheres que cuidam das famílias. São elas que administram a casa, cuidam dos filhos. Com a educação apropriada, elas poderão ter ainda mais oportunidades. Isso assusta o Talibã. É uma visão muito ruim, porque o mundo precisa de igualdade. Se as mulheres, que são metade da população mundial, não tiverem acesso à educação, o mundo não se desenvolverá. O Talibã também desenvolveu um sistema próprio de leis, que não tem nada a ver com o Islã. O Islã nos diz que a educação e o conhecimento são direitos de todas as pessoas. Então, eu acho que o Talibã não leu o *Corão* da forma apropriada. Eles precisam sentar e ler o texto novamente, com calma. O profeta Maomé nos ensina sobre igualdade, sobre fraternidade, sobre o amor ao próximo. O Talibã se esquece de tudo isso e só se lembra da jihad (guerra santa). Nós, meninas, temos nossa própria jihad pela qual lutar. Temos que lutar pelos nossos direitos e pela educação.

Já se passou mais de um ano desde o ataque que você sofreu. Você tem pesadelos com o Talibã?

Não, eu me sinto muito bem. Também não me vejo como a menina que foi atacada pelo Talibã. Eu me sinto normal. Acho que é da natureza humana. Deus é muito bondoso conosco quando se trata de esquecer as coisas ruins. Devemos agradecer a Deus por isso todos os dias.

Você foi recebida pelo presidente americano, Barack Obama, na Casa Branca. Como foi o encontro?

Eu gostei bastante. O presidente Obama me recebeu com sua mulher, Michelle Obama, e sua filha mais velha, Malia. Nós conversamos sobre a situação da educação no Paquistão e também sobre a importância de motivar as crianças nos Estados Unidos a frequentar a escola. Nossa conversa se estendeu e eu pude falar de assuntos que hoje estão em discussão em meu país, como os drones. Eu disse a ele que sei que é verdade que, nos ataques com drones, os responsáveis pelo terrorismo são os alvos, como é o caso dos líderes do Talibã, mas que pessoas inocentes também são mortas nessas ações. É verdade que os drones estão matando o terrorismo, mas também estão contribuindo para aumentar o ódio em países como Paquistão e Afeganistão, o que acaba criando mais e mais militantes do Talibã. Obama me ouviu. Eu também disse a ele para investir parte do dinheiro que o país gasta em países como Afeganistão e Paquistão em educação e paz, e não só em armas e exército. Isso resultaria em um desenvolvimento muito maior para esses países.

Você disse que quer ser primeira ministra do Paquistão. O que você faria nesse cargo?

Decidi que quero ser política porque a verdadeira política pode salvar todo um país. Na maior parte das vezes, os políticos são desonestos e não fazem nada bom. Em vez de ficar sentada criticando o trabalho deles, quero seguir

esse caminho para fazer diferente. Quero guiar o meu país pelo caminho certo. Vou transformar a educação na maior prioridade do Paquistão. Há muito para fazer nessa área. Quero transformar o Paquistão em um país desenvolvido. Mostrarei às pessoas um Paquistão de paisagens maravilhosas, de pessoas incríveis, de recursos fantásticos.

No Paquistão, muitas meninas da sua idade já estão casadas e com filhos. Você aceitaria um casamento arranjado?

De forma alguma. Sou totalmente contra casamentos forçados porque eles destroem o futuro das meninas. Na minha escola no Paquistão, havia uma menina que abandonou os estudos muito cedo, acho que ela tinha 11 anos na época. Dois ou três anos depois, ela me ligou. Ela me disse que já estava casada e tinha dois filhos. Imagine só, ela tem a mesma idade que eu e já tem dois filhos! Não quero que as pessoas sejam forçadas a se casar tão jovens.

Hoje você vive na Inglaterra. É melhor ser menina na Inglaterra ou no Paquistão?

Na Inglaterra, as mulheres têm a oportunidade de descobrir quais são seus talentos. Toda mulher pode decidir o que quer fazer da vida e pode efetivamente realizar seus sonhos. No Paquistão, somos limitadas. Não temos a chance de identificar nossos talentos nem descobrir nossas habilidades. Só podemos ter filhos e cuidar de nossa família. É cozinhar o dia todo, limpar banheiros. Esse é nosso trabalho a vida inteira. A mulher não tem a chance de se conhecer. No meu país, quando eu saía da escola, eu não podia nem conversar com meus amigos na saída. O difícil é que isso envolve também regras culturais, que são difíceis de mudar de uma hora para outra, mas não impossíveis. Foram os homens que criaram as culturas e as tradições, então podemos fazer algo a respeito.

Você não tem medo de voltar ao Paquistão e ser assassinada pelo Talibã?

O Talibã tentou me matar e fracassou. Agora estou certa de que as pessoas não querem me matar. Eles entenderam que minha causa é a educação. Mesmo se eu for baleada, a minha causa não deve mudar com a minha morte. Essa causa nunca vai morrer. Além disso, as pessoas não precisam temer a morte. Eu vi a morte na minha frente e agora já não tenho mais medo dela.

O Talibã diz que está disposto a iniciar diálogos de paz com o resto do mundo. As potências ocidentais devem se sentar para negociar com o grupo?

Penso que o dinheiro que todos esses países gastam com armas e exército deveria ser gasto em educação. Para mim, a educação é o caminho para acabar com o terrorismo e com outros males do mundo, como a pobreza.

O que você acha dos madraçais, as escolas religiosas que ensinam uma versão ultraconservadora do Corão?

Nas escolas normais, aprendemos sobre ciência, matemática, inglês, literatura, poesia e urdu (idioma local). Também aprendemos sobre religião, mas nos madraçais você aprende só sobre o Islã. Se você estuda a sua vida inteira em um madraçal, a única coisa que você sabe é dar sermões. Você não pode passar a vida inteira lendo o Corão, você precisa cuidar de sua família, trabalhar. Enfim, ter uma vida normal. É bom aprender lendo o Corão. Todos temos uma religião, mas a vida não se resume a isso.

Além de estudar, as mulheres no Paquistão não deveriam ser livres para andar na rua sozinhas sem precisar da companhia de um homem?

Sempre me pergunto: se um homem pode andar sozinho na rua, por que uma mulher não pode fazer o mesmo? Eu quero que as mulheres tenham as mesmas oportunidades. Na Inglaterra, eu posso ir à rua sem ter um homem comigo, até a minha mãe pode ir sozinha. No Paquistão, as pessoas dizem coisas ruins para mulheres que andam sozinhas. Precisamos de uma transformação. Nossa batalha está só começando.

Sua luta teria sido possível sem o apoio incondicional de seu pai (*o pai de Malala fundou a escola em que a filha estudava no Paquistão, a Khushal School and College*)?

Aprendi muito com o meu pai. Acho que eu poderia defender essa causa mesmo sem ele, mas não tão jovem. Talvez com 20, 30 anos. Mas o meu pai foi um exemplo para mim e eu fui educada. Eu aprendi pouco, mas pelo menos aprendi. Sou muito grata a ele por isso.

Você tem apenas 16 anos. As garotas da sua idade têm outras preocupações, como garotos. Você já se apaixonou?

Não, eu nunca tive tempo para pensar nisso. Tenho uma agenda tão agitada que acho que nunca tive a chance de pensar em garotos (risos).